

A necessidade de revitalização da igreja

O povo de Deus precisa de uma estratégia bíblica para a revitalização da igreja porque muitos de nós são ou serão parte de uma igreja que precisa disso. Considere a seguinte informação:

- Cerca de 95% de todas as igrejas da América do Norte têm cem pessoas ou menos num culto.¹
- Mais de 80% das igrejas americanas estabelecidas estão estagnadas ou em declínio.²
- Todo ano, cerca de 3.500 a quatro mil igrejas morrem neste país.³

Como Lyle Schaller escreve: “uma média de cinquenta a sessenta congregações do protestantismo americano acham melhor se dissolver a cada semana, enquanto talvez cinco a dez são capazes de redefinir seu papel e estão dispostas a isso.⁴ E Kirk Hadaway, um especialista na pesquisa do crescimento de igrejas com a Convenção Batista do Sul, escreve: “A igreja típica em quase toda denominação americana está estagnada ou declinando quanto à membresia e à participação. O crescimento rápido é atípico e, entre as congregações mais antigas, o padrão é ainda mais pronunciado – estagnação e declínio são a regra; crescimento é a rara exceção”.⁵

Minha denominação, a Presbyterian Church in America [Igreja Presbiteriana na América] (PCA), é considerada um dos grupos de mais rápido crescimento em nossa nação. Você pode ver o motivo disso quando examina nossas estatísticas, que indicam, por exemplo, que 28 novas igrejas foram estabelecidas recentemente na PCA em um ano. Esse é um crescimento

per capita maior que o da maioria das denominações. Porém, se examinar mais atentamente, também verá que, no mesmo ano, 24 igrejas foram “dissolvidas” ou fechadas. Portanto, só podemos apresentar um crescimento líquido de quatro igrejas durante esse ano específico. E se isso é o que acontece com um dos grupos que mais crescem na América, pode imaginar os desafios que muitos outros estão enfrentando!

Sugiro que não é inevitável que tantas igrejas estejam “doentes” ou “morrendo”. Os princípios discutidos neste livro ajudarão líderes e membros dessas igrejas a reacender as chamas do crescimento piedoso em suas igrejas locais. Eles também servirão como medidas *preventivas* para igrejas que atualmente são saudáveis, para afastá-las do declínio que inevitavelmente as alcançará a menos que experimentem a contínua graça da renovação. Porém, antes de começar a aprender sobre a cura, devemos diagnosticar a enfermidade.

SINTOMAS DE UMA IGREJA DOENTE

O que acontece quando uma igreja não progride mais, está estagnada, morrendo ou declinando? Ou, que problemas você deve evitar para impedir que a igreja caia em ineficácia e desapontamento? É claro que uma queda na frequência aos cultos e na arrecadação geralmente é sinal de enfermidade. Porém, há outros sintomas, menos óbvios, que observei em igrejas que precisam de um ministério de revitalização.

Um foco nos programas

Igrejas que estão morrendo tendem a focalizar programas. Como uma pessoa que tem o costume de apostar na loteria espera ansiosa por um bilhete premiado, elas procuram uma programação que “provocará uma mudança radical na igreja”. Colocam sua esperança de sucesso no último ministério criado ou no plano pré-fabricado de crescimento de igreja e avaliam a saúde da igreja pela quantidade e pelo caráter comovente de seus programas. Aliás, eu não me surpreenderia se algumas pessoas lessem este livro esperando encontrar exatamente isto – um novo programa para implementar em sua igreja. Mas elas ficarão desapontadas porque este livro não trata de um *programa* que você pode usar para transformar radicalmente sua igreja. Em vez disso, este livro contém *princípios* que o Senhor designou e usará para trazer mais vida à igreja que ele decide tratar dessa maneira em seu plano soberano.

A diferença é importante porque, quando um programa tem êxito, provavelmente sua eficácia será atribuída à perspicácia de seu autor. E, quando um programa falha, tendemos a correr para encontrar o próximo programa,

na esperança de que ele funcione melhor. No entanto, quando experimentamos um crescimento saudável por meio dos princípios que Deus forneceu em sua Palavra, toda a glória é dada somente a ele. E, se esses princípios não parecem “funcionar”, sabemos que não é culpa de Deus. Por isso nos voltamos para a Escritura para descobrir o que precisamos entender melhor e fazer melhor. Como discutiremos mais detidamente no próximo capítulo, não devemos procurar algo novo, como um modelo de revitalização, mas aprender mais sobre o modelo que Deus já nos deu em sua Palavra.

Nostalgia e tradição

Igrejas que estão morrendo geralmente estão vivendo no passado. De fato, muitas vezes o pastor não é chamado para pastorear uma igreja na esperança de levá-la adiante, como deveria acontecer. Em vez disso, as pessoas esperam que ele leve a igreja *para trás*, para reviver os “dias gloriosos”. Lembrar o passado de uma igreja é importante – aprenderemos mais sobre isso no próximo capítulo –, mas há uma grande diferença entre lembrar o passado e viver nele.

Há alguns anos, recebi o convite para visitar uma igreja na Louisiana, para dar aos líderes algumas orientações sobre o empenho ministerial. Num intervalo de nosso encontro, um dos diáconos me levou a um corredor cujas paredes estão cobertas com retratos dos antigos pastores. Havia muitos retratos nesse “*hall da fama*” porque a igreja existia desde o início do século 18. O diácono fez comentários sobre muitos dos homens que vimos ali, mas quando chegamos diante de certo retrato ele parou de andar e ficou parado, em silêncio reverente. E, quando falou, falou em tom respeitoso. O pastor do retrato havia vindo para essa igreja em meados do século 20 e havia permanecido ali por vinte anos. Logo ficou claro para mim que essa marca no *hall* representava os “dias gloriosos” da igreja, quando ela era liderada por *esse* pastor. Quase esperei ver velas dos dois lados do retrato, com uma chama eterna queimando debaixo dele!

Quando falei com os líderes dessa igreja, percebi que tudo o que estava acontecendo agora estava sendo avaliado pelo que havia acontecido naquela época. Por isso, finalmente, perguntei: “Se tudo era tão maravilhoso nessa época, por que vocês estão na situação em que se encontram?”. Eu os incentivei a seguir o princípio de Filipenses 3.13, em que Paulo diz: “Esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão”. O passado é importante e deve ser celebrado, como discutiremos mais detidamente no capítulo a seguir. No entanto, precisamos perceber que o rio calmo da nostalgia pode se transformar numa correnteza avassaladora que arrasta a igreja para trás e para baixo, rumo à destruição.

Uma ênfase exagerada na tradição é outro modo pelo qual o passado pode assombrar uma igreja. Na Pinelands Church, por exemplo, encontrei um grupo de menos de oitenta pessoas tentando manter tradições que tiveram início quando a igreja era forte e tinha novecentos membros. Você pode dar uma rajada de metralhadora da frente até os fundos do templo e não acertar uma só pessoa nos cultos das manhãs de domingo. Apesar disso, algumas pessoas queriam que fossem realizados quatro cultos nas manhãs de domingo. Por quê? Porque quatro cultos pela manhã era um símbolo dos dias gloriosos. A lógica? A realização de quatro cultos traria de volta aqueles dias. Tentei, pacientemente, explicar que não seria a realização de quatro cultos que traria as pessoas. Para a realização de quatro cultos, era preciso haver crescimento.

Dependência de personalidades

Igrejas que estão morrendo tendem a se apoiar em certos tipos de personalidade, quer essas pessoas estejam ou não na igreja. Se tiverem um líder forte, podem confiar que ele fará todo o trabalho ou tomará todas as decisões. Por outro lado, se estiverem procurando um pastor, podem pensar que só existe um tipo de pessoa que pode levá-las ao crescimento. Lembro-me de falar a uma comissão eclesiástica que me disse: “Poderíamos resolver todos os nossos problemas se você pudesse encontrar para nós um bom pregador que tenha uma personalidade tipo D em alto grau”.* Com isso, eles se referiam a um homem extrovertido que fosse um “líder verdadeiramente agressivo”. Entretanto, estavam cometendo o erro de pensar que Deus usa apenas um tipo de personalidade em sua obra de liderar a igreja.

Perguntei-lhes se eles conheciam Frank Barker, que hoje é o pastor emérito da Briarwood Presbyterian Church, em Birmingham, Alabama, onde hoje estou servindo como pastor titular. Frank foi o pastor fundador e pastoreou a igreja por quarenta anos, durante os quais a igreja foi muito bem-sucedida em todos os aspectos. Entretanto, dificilmente ele pode ser considerado uma pessoa extrovertida ou uma personalidade “D em alto grau”. Duas histórias ilustram esse fato. Primeira, um conhecido meu certa vez passou algum tempo na biblioteca da igreja falando com um homem que ele pensava ser o zelador, quando descobriu que estava falando com Frank Barker. E um de seus assistentes certa vez resolveu testar uma pequena teoria enquanto acompanhava Frank numa viagem de duas horas até Atlanta. Ele resolveu que nãoalaria absolutamente nada, apenas esperaria em silêncio para ver quanto tempo Frank levaria para iniciar uma conversa. Duas horas mais tarde, Frank finalmente disse: “Este é o limite da cidade?” Apesar disso, esse homem calado e modesto conduziu uma igreja muito bem-sucedida por quarenta anos.

D. James Kennedy é outro exemplo de um líder eclesial eficaz que definitivamente não é extrovertido. E há muitos outros. Por isso, tenha cuidado para não cair na armadilha de pensar que Deus só pode agir por meio de certos tipos de personalidade. Ele concedeu à igreja uma ampla variedade de dons e planejou usar uma ampla variedade de pessoas na edificação de seu reino (cf. 1Co 12.4-6).

Uma mentalidade de manutenção

Lembra-se dos velhos desenhos do Pernalonga em que o Coiote perseguia o Papa-Légua e de repente descobria que estava solto no ar, caindo para a morte certa? Ele se agarrava à beira do abismo e se pendurava até que seus dedos escorregavam e ele se tornava uma panqueca marrom no fundo do desfiladeiro. É assim que muitas igrejas olham para o ministério hoje. “Vamos apenas persistir”, elas pensam. “Tenhamos esperança de que poderemos substituir a quantidade de pessoas que perdemos no ano passado”, dizem elas, ou “teremos sorte se conseguirmos cumprir nosso orçamento”. Elas realmente têm uma “visão” para o ministério, mas a visão é “pendure-se e fique pendurado”. Essa é uma mentalidade de manutenção, na qual estão apenas polindo um “monumento”, em vez de realizarem um *movimento* da graça de Deus. Elas estão num sistema de amparo à vida, não numa missão de salvação de vidas, e suas únicas esperanças e sonhos são manter as portas abertas, e não trazer uma colheita de almas por essas portas.

Mentalidade de justificação e de vítima

Outra atitude que parece permear igrejas enfermas e agonizantes é aquela que diz: “Isso nunca funcionará aqui porque...”. Os líderes e os membros da igreja já têm uma lista bem detalhada de razões pelas quais as ideias de um novo ministério não darão certo. Duas razões clássicas são: “Já tentamos isso antes” e “Isso sairá muito caro”, mas outras razões podem ser: “A vizinhança mudou”, “Nosso templo está no lugar errado”, ou “Esta é uma comunidade difícil e excomungada”. A igreja se torna como um time de futebol que perdeu todos os jogos nos últimos dez anos e já tem uma lista de desculpas para as derrotas que já está prevendo na próxima temporada.

O pressuposto que serve de base para essas desculpas é que a igreja é uma *vítima* de algum fator externo que a impede de ser grandemente usada por Deus. Seja por falta de dinheiro, por uma localização difícil ou por algum outro motivo, há uma mentalidade sutil, mas perigosa, de que a igreja está destinada à mediocridade ou ao fracasso por causa de suas circunstâncias. Essas igrejas não têm esperança verdadeira porque estão se permitindo ser dominadas por circunstâncias negativas – um problema que a Bíblia diz